

/ PALAVRA DO LEITOR

Mercado Público

O Grupo Press desistiu de abrir uma operação no Mercado Público de Porto Alegre, mesmo após destinar R\$ 500 mil em investimentos no desenvolvimento do projeto e intervenções no espaço (Jornal do Comércio, edição de 13/08/2026). Existem outros restaurantes caros como o Press no Mercado Público de Porto Alegre, entre eles o Naval e o Gambrinus. Frequento muito o espaço e o local está sempre lotado. O Press seria um sucesso também. *(Mel Ferrari)*



Mercado Público II

O Mercado Público está como o resto da cidade de Porto Alegre, “às traças”. Cobram aluguel das lojas e não há retorno do dinheiro. O cheiro desagradável de peixe ocorre porque não há escoamento correto. O prédio é sujo, sem caixa de água e não sabemos as condições da fiação elétrica. *(Elaine Rodrigues)*

Mercado Público III

O Mercado Público de Porto Alegre é melhor do que muitos shoppings de Porto Alegre. Tem movimento o ano todo e muita passagem de turistas e público. *(Arli Bertol)*

Mercado Público IV

O Mercado Público de Porto Alegre não é um shopping center. Limpeza é essencial, mas descaracterizar com granitos, mobiliário orgânico, multileds é atitude de quem não entende de cultura, sociedade e ancestralidade, sem falar de arquitetura e urbanismo. É preciso observar e preservar a identidade do mercado mais antigo do Brasil. Quem quer ar condicionado, café franqueado e concierge não vá ao Mercado. E tirem aquele painel “Times Square” de cima do Bará, pois bloqueia as energias ancestrais. *(Luiz Pessoa)*

Mercado Público V

Moro em Novo Hamburgo e vou sempre ao Mercado Público quando estou em Porto Alegre, acho muito bom. Na minha opinião, somente os banheiros poderiam ser reavaliados. *(Fernando Kieling Filho)*

Bancos

Fui resolver uma pendência em uma agência da Caixa Econômica Federal (tentativa de golpe) em Porto Alegre e tive duas experiências nesta instituição. A ida à agência 0447, na Avenida Protásio Alves, foi humilhante. Com a senha “prioritário” aguardei 55 minutos. O servidor disse ser normal “porque atendemos muitos prioritários”. Já na agência Lupicínio Rodrigues (Rua Andrade Neves, 32), o atendimento foi exemplar. As funcionárias Carlane e Rafaela foram gentis, ágeis e eficientes. Por que tanta diferença? *(Gilberto Jasper, por e-mail)*

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é “Artigo” ou “Palavra do Leitor”. Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Uma violência que ainda vive no silêncio

Vera Armando

A violência enfrentada pelas mulheres que vivem no meio rural é uma realidade que parece distante até do próprio poder público. No campo, a distância geográfica pode se transformar em distância da proteção. Muitas mulheres que vivem no campo enfrentam dificuldades de transporte, acesso limitado à internet e aos serviços públicos, além da dependência financeira. Quando a violência acontece dentro de casa, pedir ajuda pode significar vencer quilômetros, medo e anos de dependência.

E violência não é apenas agressão física. Está no controle do dinheiro, nas ameaças, humilhações, perseguições e na tentativa de impedir que a mulher decida sobre a própria vida. Muitas trabalham diariamente na propriedade rural, ajudam a produzir renda e sustentam suas famílias, mas não possuem autonomia alguma.

Nesse cenário, o silêncio se torna aliado do agressor. Medo, vergonha, falta de informação e ausência de uma rede de proteção dificultam a denúncia. Por isso, não basta ter boas leis. É preciso fazer a proteção chegar até elas.

Salas das Margaridas, mais delegacias, Patrulha Maria da Penha e ações em parceria com entidades precisam alcançar cada vez mais as comunidades do interior. Nenhuma mulher deveria percorrer quilômetros para encontrar o Estado quando mais precisa.

Mas há outra mudança indispensável. O en-

frentamento à violência não pode ser uma conversa apenas entre mulheres. Os homens precisam participar.

Homens que respeitam as mulheres devem assumir seu papel como aliados dentro de casa, no trabalho, nas comunidades e entre amigos. Precisamos romper a ideia de que uma agressão é problema apenas do casal. Quem presencia violência e escolhe o silêncio ajuda a criar um ambiente no qual o agressor se sente protegido.

Foi com essa convicção que promovi o seminário “O papel do homem contra o feminicídio”. Precisamos de homens capazes de ajudar a construir uma cultura de respeito.

No meio rural, essa participação é ainda mais importante. Comunidades menores possuem relações próximas. Essa proximidade pode alimentar o silêncio, mas também pode se transformar em uma poderosa rede de proteção.

Nenhuma distância pode separar uma mulher do direito de viver com segurança. Combater a violência é responsabilidade de todos.

Jornalista e vereadora de Porto Alegre

Nenhuma mulher deveria percorrer quilômetros para encontrar o Estado quando mais precisa

Dia do Estagiário: o humano na era da IA

Julia Schneider Achutti

No dia 18 de agosto, quando se celebra o Dia do Estagiário, a data convida empresas, instituições de ensino e a sociedade a refletirem sobre o papel do estágio na formação de talentos em um cenário cada vez mais influenciado pela inteligência artificial (IA).

Mais do que um requisito acadêmico, o estágio é a principal oportunidade para o estudante aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula, desenvolvendo competências técnicas e comportamentais essenciais para a construção da carreira.

A transformação digital vem modificando essa experiência. Ferramentas de IA automatizam tarefas como pesquisa, organização de dados e elaboração de relatórios, mas reforçam a importância das competências humanas.

Se antes muitas vagas concentravam-se em atividades operacionais, hoje as organizações buscam estudantes capazes de analisar informações, propor soluções, colaborar e adaptar-se às mudanças. O estágio consolida-se como

um espaço de aprendizagem, protagonismo e desenvolvimento.

Na prática, acompanho diariamente estudantes familiarizados com ferramentas digitais. No entanto, destacam-se aqueles que demonstram curiosidade, iniciativa, boa comunicação, responsabilidade e disposição para aprender. O conhecimento técnico abre portas, mas são as atitudes e a capacidade de aprender continuamente que sustentam o crescimento profissional.

Por isso, competências como comunicação, pensamento crítico, criatividade, adaptabilidade, inteligência emocional, colaboração e proatividade tornaram-se ainda mais relevantes. Em um contexto de automação, são elas que diferenciam os profissionais.

Dominar a tecnologia continua sendo importante. O verdadeiro diferencial, porém, está em utilizá-la de forma ética, crítica e estratégica. A IA deve ser uma aliada da aprendizagem, nunca um substituto da capacidade humana de interpretar contextos, construir relações e tomar decisões.

O futuro dos estágios será marcado pela integração entre tecnologia e desenvolvimento humano. O profissional que mais se destacará não será quem competir com a IA, mas quem souber utilizá-la como aliada. Em tempos de inteligência artificial, ética, empatia, colaboração e senso crítico continuam sendo o verdadeiro diferencial.

Supervisora da área de Estágios da Fundatec